OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).... ..	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1037

20 DE OUTUBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O Festival Maritimo em Cascaes, em 13 do corrente

UM ASPÉTO DO CORTEJO FORMADO PELA CANHONEIRA «TAVIRA» E ESCALERES DA ARMADA

AS CORRIDAS DE REMOS

Chronica Occidental

Continua o mau tempo. O inverno, que, todo o anno passado, apenas uma ou outra vez, fez a sua careta, parece querer agora desforrar-se. Nem tanto ao mar, Sr. Inverno!

Queixaram-se muito os lavradores, e tiveram, coitados, um mau anno. E' ouvil-os a fallarem das favas, dos trigos e dos milhos, sem uma pinga d'agua.

Agua a mais deu-lhes cabo agora de muita uva. Ainda muitas vindimas estavam por completar, quando vieram as grandes enxurradas.

De Hespanha e da provincia chegam todos os dias noticias lamentosas. Em Lisboa tornou a chover torrencialmente, reproduzindo-se parte das scenas que se deram em 23 de setembro. Foram grandes as innundações na rua de S. Paulo, no Conde Barão, em Alcantara e ainda n'outros pontos da cidade. No Tejo afundou-se uma fragata, e em Cascaes a tripulação do salva-vidas conseguiu soccorrer e trazer para terra os marinheiros do patacho hespanhol *Manuelita*, que se achava em perigo.

O temporal descançou apenas um dia, aquelle em que se realisou o festival na linda bahia de Cascaes, o qual correu animadamente, quando todos pensavam que seria addiado. Quando amanheceu ainda umas nuvens fizeram esmorecer os mais esperançados, mas essas nuvens fugiram e o cortejo maritimo realisou-se sob um céo maravilhoso, n'um perfeito lago azul.

Uma compacta multidão assistiu da praia, dos pontos mais

O CRUSADOR «D. CARLOS» DEPOIS DE RECEBER A BANDEIRA BORDADA E OFFERECIDA POR SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA — Vide Chronica Occidental

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

altos dos arredores da villa ou de bordo de barcos que se fretavam, a todas as festas diurnas e nocturnas. Só o comboio transportou muitos milhares de passageiros e ao principio da noite já não havia em Cascaes nem uma batata nem uma azeitona que se comesse. Depois do exercicio nocturno, tudo aquillo debandou e os ultimos comboios trouxeram o dobro dos passageiros que lhes marcava a lotação, quasi todos semi-mortos de fome.

Taça offerecida pelo sr. Conde de Valflôr em homenagem á Marinha de Guerra Portuguêsa, no festival maritimo de 13 do corrente em Cascaes.

(Executada nos ateliers dos srs, Leitão & Irmão, joalheiros da Corôa).

O mais bello do festival foi o cortejo em que tomaram parte torpedeiros, o bergantim real, galeotas, saveiras, escaleres, salva vidas, jangadas, barcos do norte, e até um barco de Avintes tripulado por mulheres.

Decorreram as regatas com enthusiasmo e chamou muito a attenção dos curiosos a explosão da mina submarina contra o casco do *Pedro Nunes*, que foi mettido no fundo.

Pena foi que, no dia seguinte, houvesse que lamentar um desastre, de que foi victima o distincto official da armada, sr. Ivens Ferraz, commandante da *Tejo*. Quando se dirigia para o seu navio, que tinha partido a amarra, a bordo d'uma canôa, uma vaga mais alterosa, virou-a, despedaçando-se sob a escada da canhoneira. Pouco depois, uma pá do helice colhia o official, ferindo-o gravemente n'uma perna. Vae melhor felizmente e seu estado já não inspira cuidados.

O máo tempo tem continuado, e o vento, soprando constante do sul, não nos dá grandes esperanças d'um dia com sol magnifico como no anno passado, por estes tempos proximos do verão de S. Martinho, muita vez gosámos.

Umas borrascasitas teem tambem soprado nos campos da politica e o barometro do ministerio anda com o ponteiro um pouco para baixo do *variavel*. Os parciaes do sr. João Franco gabam-se de o ter alli de pedra e cal, mas a maior parte dos jornaes da opposição annunciam crises quasi todos os dias.

O mais falado facto politico foi o da eleição do sr. Julio de Vilhena, realisada por acclamação, um dia d'estes na sala do Centro Regenerador.

Foram dignos de nota os discursos pronunciados pelo successor de Hintze Ribeiro e pelo sr. Teixeira de Sousa que, para não embaraçar a boa marcha do partido n'uma occasião tão grave na politica portugueza, nobre e patrioticamente desistiu da sua candidatura.

Dizem os regeneradores que nunca tão fortes se acharam como agora, e já o sr. Julio de Vilhena fez a declaração que os regeneradores estão promptos para obedecer á voz de El-Rei, quando este quizer chamal os.

Os dissidentes reunidos na segunda-feira tomaram resoluções importantes. Segundo diz o *Dia*, nomeou-se uma commissão que ficou composta do sr. Conselheiro Alpoim, dos tres deputados da ultima camara dissolvida e dos srs. drs. Egas Moniz e Pedro Martins, para formular as deliberações de caracter concreto e definido, indispensaveis a tomar para que os actos inconstitucionaes, que liquidaram arbitrariamente e sem intervenção dos representantes do paiz as dividas da fazenda real ao thesouro publico e augmentaram a lista civil, não possam subsistir, entendendo os dissidentes que nenhum acto do governo, com respeito á situação financeira da Casa Real, pode ser praticado sem tal assumpto haver sido tratado no parlamento com intervenção dos grupos politicos, após os devidos inqueritos e com liquidação exclusiva da questão feita pelas Côrtes.

Quando estas hajam de reunir-se, por ora ninguem o sabe. As eleições das camaras municipaes foram addiadas é ninguem sabe tambem quando hajam de realisar-se.

Ao aspecto de Lisboa, o deputado faz sua differença no inverno. As sobrecasacas e os chapéos altos provincianos eram conhecidos, davam na vista á porta da Havaneza ou enfiando pelas escadas das redacções. Depois, hão de esfriar as conversações politicas á mesa redonda dos hoteis, cujas paredes, desde que ha camaras, devem saber da politica portugueza mais do que ninguem.

O theatro de S. Carlos não abre tão cedo, e, por emquanto, ainda pouco se fala em companhia lyrica. Os theatros portuguezes não offerecem até agora grandes novidades e alguns até continuam com exito explorando o repertorio do verão, como, por exemplo, o theatro do Principe Real.

Cofre de madeira feito pelos operarios do Arsenal de Marinha, para guardar a bandeira offerecida por S. M a Rainha Senhora D. Amelia

Em D. Maria, já o publico póde applaudir a primeira peça nova d'este anno e levada á scena pela nova empreza, *Mar de Lagrimas*. Escripta por dois novos, os nossos amigos João Gouveia e Jorge Santos, se não deu enchentes á sala e ao cofre do camaroteiro, mostrou pelo menos que ha muito a esperar d'uma estreia que a plateia da primeira noite applaudiu com vontade.

No dia 1 do proximo mez deve abrir o theatro D. Amelia, cuja companhia tem á frente os nomes de Augusto Rosa e Lucilia Simões. Reapparecerá n'este theatro a actriz Laura Cruz, que um acaso infeliz e injusto deixou sem escriptura toda a época passada. Pois é das artistas portuguezas uma das de melhores faculdades. A primeira peça nova da temporada será *La Main gauche*, traduzida por Santos Tavares. Fala se em dois originaes portuguezes, um de Marcellino Mesquita e outro de Schwalback.

Mas, uma antes da temporada de S. Carlos e outra depois, teremos aqui o prazer de applaudir duas das mais famosas actrizes francezas, a Réjane e a Brandés.

A primeira virá em novembro dar seis representações. Brandés deve estrear-se com a peça *Le Passé*, de Porto Riche.

Com tantas vindas de artistas estrangeiros aos theatros de Lisboa, voltará talvez a levantar se a questão do prejuizo que elles causam aos que entre nós se dedicam á mesma arte. Nunca percebemos bem essa manifestação de patriotismo, nem que a arte deva pagar direitos de importação como qualquer industria. Viria talvez a pêllo dizer aqui o que a protecção a certas industrias portuguezas nos faz pagar muito mais caro muita coisa muito peor que em qualquer outro paiz; mas seria ir muito longe do assumpto e eu só quero dizer quanto a arte portugueza deveria lucrar com a vinda de certas companhias, que aqui nos trazem o melhor exemplo do que é talento e sobretudo do que é trabalho. Para não irmos buscar muito longe as citações lembram-nos simplesmente o admiravel conjuncto com que foram representadas todas as peças pela companhia de Tina di Lorenzo, a ultima que esteve entre nós. Pagar para dar um bom exemplo parece nos tudo o que ha de mais injusto.

Quem queira ser patriota tem muito por onde escolher. Leia, por exemplo, o que ainda ha pouco vinha no *Seculo* sobre o despreso a que foi votado o tumulo de Egas Moniz. Este assumpto e tantos outros de egual quilate é que realmente merecem mais que um bocadinho de rhetorica.

João da Camara.

Á BANDEIRA PORTUGUEZA

Não te vi tremular no campo da batalha,
Ó symbolo querido, ao rugir do canhão,
Entre o pó, entre o fumo, entre o sangue e a metralha,
Pharol que induz á gloria, ou salva a perdição;

Porém vi-te, cursando as ondas, sobranceira
No baixel, que, na infancia, á Patria me roubou;
E a ti me consagrei, desde essa vez primeira;
E tua vista do exilio as penas me acalmou.

Ahi, ao contemplar-te, a Patria eu contemplava,
Que tudo que ella é tu cifravas em ti;
E na minha soidão mais ainda te amava;
E esse meu santo amor eu jamais o perdi.

Que bandeira no mundo existe assim formosa?
E como o nosso céo, como o céo portuguez.
Que outra assim ha do tempo a auréola famosa?
Que outra assim bem fadada a Providencia fez?

Qual mais longe levou a Fé, o trato, a gloria?
Qual mais terras e mar percorreu, descobriu?
Qual mais claros heroes excitou á victoria?
Qual estrada mais ampla á humanidade abriu?

Blasonem muito embora essas nações extranhas,
Que da sorte o vaevem pôe acima de nós,
Em altivo pregão, suas obras tamanhas;
A nossa as excedeu; e acabámol a sós.

Mas a ser voltará teu destino jocundo,
Bandeira, pois a Patria inda outra ha de ser;
Pois quem tem este solo em fructos tão fecundo,
Quem este mar que o banha, e o não pode esquecer,

Este mar que lhe deu n'uma parte a existencia,
Que seu theatro foi, que tanto inda lhe diz,
Que, se Deus o quizer, pela antiga opulencia,
Lhe prestará vigor, que o tornará feliz,

E n'elle. aureo collar esparso, tantas ilhas,
E n'Africa um imperio, e uma ardente ambição
Capaz de executar de outrora as maravilhas,
Deve, e ha de, cumprir sua augusta missão.

Mas é força aprender, trabalhar indefesso,
Que a sciencia não pára, e a lida traz valor;
O perdido ganhar na senda do progresso;
Acordar; emergir d'este longo torpor.

Têmos dormido assaz nos braços do passado,
Cegos a mente, o olhar em sua intensa luz.
Basta de proseguir n'esse sonho encantado;
Que ás vezes ao abysmo a cegueira conduz.

Antes, antes sobre elle (e não conta outro povo
Mais illustre, melhor, mais firme pedestal),
Á custa de fadiga, elevemos um novo,
Se não forte qual foi, ditoso Portugal.

Próspera a Patria emfim, como serás mais bella,
Das quinas ó bandeira, ó bandeira sem par!
Tempo é já de mudar a tua negra estrella.
Chamam-te novamente o céo, a terra, o mar.

O que imagino, então far-se-ha realidade;
E no tope gentil dos altos mastaréos
Tu irás navegar do oceano a immensidade,
E alcançar para a Patria, honras, bens e tropheos.

Mas então, e hoje, e sempre, ó famosa andeira,
Feliz ou infeliz seja a nossa nação,
Dar-te hemos todos nós, durante a vida inteira,
Nobre culto de amor no altar do coração.

Lisbôa — 1907 — Maio, 16.

RAMOS-COELHO.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

XVIII

O ultimo paquete de Africa trouxe-nos varias fotografias das festas realisadas em Mossamedes e em Benguela, por ocasião da visita de Sua Alteza a estas colonias, assim como da cidade do Cabo recebemos tambem fotografias da recepção ali feita ao principe portuguêz.

Reproduzindo algumas dessas fotografias neste numero do OCCIDENTE, melhor completamos a cronica ilustrada da viagem de Sua Alteza que temos feito nesta revista desde o seu n.º 1026.

Pouco temos a acrescentar ao que ficou dito nos capitulos XV, XVI e XVII, sobre a passagem do Principe D. Luis Filipe na Colonia inglêsa do Cabo, Mossamedes e Benguela.

A recepção feita ao principe português na cidade do Cabo revestio todo o aparato de uma recepção real, ao mesmo tempo que o povo manifestava seu entusiasmo pela visita de Sua Alteza.

Na estação foi o regio viajante esperado pelo governador da Colonia, membros do governo e autoridades militares, seguindo dali para o palacio municipal, por entre alas de tropa e escoltado por um esquadrão de cavalaria. Em todo o percurso se repetiram entusiasticas saudações pela multidão.

A grande sala do palacio da cidade estava completamente cheia de pessoas, que á entrada do Principe o saudaram com uma salva de palmas emquanto o grande orgão tocava o himno portuguêz.

O Maior leu uma mensagem de felicitação, referindo-se á aliança entre Portugal e a Inglaterra e suas colonias, recordando a nossa historia.

A esta mensagem respondeu Sua Alteza agradecendo, e referindo-se á florescente colonia do Cabo, foi calorosamentde aplaudido por todo o auditorio.

Depois houve o jantar de gala a que nos referimos no capitulo XV. O Principe Real, visitou o Turf-Club, onde foi acompanhado pelo Maior e recebido pela direção, que lhe fez uma recepção condigna.

Esta visita ás colonias inglêsas, cujo seu governo a solicitara com interesse, foi mais uma afirmação das boas relações que existem entre os dois paises, que colaboram na civilisação de Africa, cada um na sua esfera de acção, convindo cada vez mais redobrarmos nossos esforços para levantarmos o nosso imperio colonial, defenindo bem o nosso dominio em Africa.

A passagem de Sua Alteza em Mossamedes foi assignalada por festas publicas e de grande entusiasmo da população, que desde a entrada do Principe naquella antiga vila, hoje cidade, não cessou de aclamar o herdeiro da corôa de Portugal.

Ali foi o Principe recebido por todas as autoridades eclesiasticas, civis e militares, que lhe prestaram todas as honras oficiaes. A cidade esteve em plena festa tanto maior, por se ter ali recebido a noticia da primeira vitoria alcançada pelas tropas portuguêsas sobre os cuamatas. O regosijo publico era completo, e bem se manifestou nas mensagens apresentadas a Sua Alteza quer pela municipalidade, quer pelo comercio, etc.

A recepção feita ao Principe Real em Benguela, foi tão brilhante quanto o permetiam os recursos da colonia, mas se alguma coisa lhe faltou em galas ostentosas a festejar o regio visitante, sobrou em espontaneo e sincero entuaiasmo com que foi acolhido, e a que já nos referimos nesta cronica, para agora o repetirmos.

Nas gravuras que hoje publicamos, vêem-se ruas e edificios de Benguela festivamente decorados de bandeiras, de arcos triunfaes, levantados em honra de Sua Alteza e sob os quaes passou entre as aclamações entusiasticas da população, que pela primeira vez via pisar aquella terra um Principe Real.

Carta, que temos presente, nos diz que só foi pena que Sua Alteza não podesse demorar mais sua estada ali, o que impediu de se cumprir todo o programa das festas e visitar todos os estabelecimentos publicos, como casa da Camara, Hospital, etc.

O mesmo sucedeu na visita ao porto do Lobito, onde convinha estudar aquella grande bahia, destinada a ser o grande porto comercial da Africa do Sul, e que se deve conservar bem português a despeito de cobiças estranhas, que se esforçam por monopolisal o.

Chegamos emfim ao termo da nossa tarefa em registar neste repositorio da historia a viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás colonias portuguêsas, facto de capital importancia, em que se procurou afirmar aos portuguêses que ali trabalham, e á Europa, o interesse que Portugal tem pela integridade daquelles seus vastos dominios e pelos quaes está prompto a continuar todos os sacrificios para os fazer prosperar e engrandecer.

CAETANO ALBERTO.

O jogo e o socialismo pratico (*)

Outra receita, porém, me acode ao espirito, que, sem perder o seu caracter geral de facil cobrança em toda a parte, eu vou especialmente apreciar na sua realização em Portugal. Aqui a sua cobrança não só daria avultada importancia, mas terá um tal alcance nacional para as prosperidades publicas, e que está desprezado ainda por melindres descutiveis de dignidade do Estado, os quaes ficarão satisfeitos, me parece, desde que a receita vise o amparo dos que soffrem e o combate contra males, que interessam a Humanidade inteira, que até me inspira a minha propria lembrança o mais patriotico enthusiasmo. Essa valiosa receita póde cobrar-se do — *monopolio do jogo do azar* —, que se póde sujeitar, indiscutivelmente, á mais austera regulamentação, como base essencial da concessão.

Com tal monopolio lucrará a moralidade publica, reduzindo a pratica d'esse vicio incorrigivel a facultal-o aos que d'elle não podem prescindir, e têem posses para o ir procurar onde esteja estabelecido legalmente com garantias de seriedade, com installações confortaveis, e acompanhadas de distracções aprazíveis, elegantes e artisticas.

O monopolio do jogo do azar, austeramente regulamentado, se não póde considerar-se um meio de civilisar, é, por certo, um meio de regrar o seu uso desenfreado, de cohibir o seu exercicio entre as classes proletarias, e de impedir a sua acção tão nefasta para os costumes populares, para o caracter e para a saude dos individuos, desde que a *espelunca*, illegalmente e a occultas, deixe de ser o logar, onde se possa saciar esse vicio. E, sob este ponto de vista, o monopolio torna-se moralizador.

Um tal monopolio não se póde classificar de immoral, porque o jogo do azar, sob mil formas diversas, póde dizer-se que tem uma applicação geral: pratica-se até para derrimir pontos de honra!

Joga-se, com effeito, o azar na rolêta e nas cartas, como se joga na loteria, nas corridas de cavallos, e em qualquer jogo de vasa; joga-se o azar na Bolsa, nos lances arriscados do commercio, nas emprezas industriaes mineiras, e em tudo, se póde dizer; o proprio agricultor joga o azar, quando deita a semente á terra.

Joga-se ainda o azar nas batalhas e nos duellos para salvar a honra nacional ou pessoal, pelo menos emquanto o ideal da arbitragem internacional não seja um facto, e a Sociedade não encontrar outro meio, digno e acceitavel, de resolver questões de honra pessoal.

E joga-se até o azar nos actos mais serios para o presente e para o futuro do individuo: ao contrahir o laço do matrimonio indissoluvel nos paizes essencialmente catholicos, ao encetar uma carreira, etc.

Estamos, emfim, todos sujeitos ao azar de um raio, de um terremoto, como todos corremos o azar até no simples respirar de uma atmosphera, sempre mais ou menos inquinada de micro-organismos mortiferos.

Legalizar, pois, e regulamentar o azar que cada um voluntariamente queira experimentar, e que constitue vicio, que não é geral, mas que é paixão irreductivel para alguns; que existe desde que existem homens, pelo menos... civilisados; e que só póde prejudicar quem se arrisque por vontade propria, mas d'onde podem fazer-se provir grandes receitas utilitarias para curar os soffrimentos

(*) Do livro *Scienciogracia* — Socialismo Pratico.

SUA ALTEZA O PRINCIPE D. LUIS FILIPE NA CIDADE DO CABO
CHEGADA AO PALACIO MUNICIPAL
(Fotografia do sr. Arnold Keyzer, da cidade do Cabo)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

A recepção feita a Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe pelo governador do Cabo na Sala do Palacio Municipal

Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe acompanhado pelo governador do Cabo recebido pela direção do Turf Club

(Fotografias do sr. Arnold Keyzer, da cidade do Cabo)

O desembarque de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe em Mossamedes

(Fotografias enviadas pelos srs. Torres & Irmão)

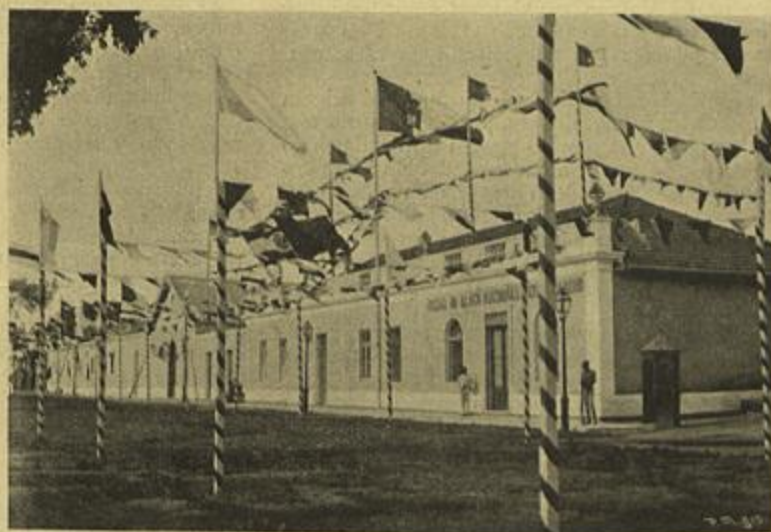
Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Chegada de S. A. O Principe D. Luis Filipe a Benguela

Decoração na rua Governador Coutinho em Benguela

S. A. O Principe D. Luis Filipe em Langue

Residencia do Governador em Benguela

O Consolado inglês em Benguela

Filial do Banco Ultramarino em Benguela

(Fotografias do sr. João L. Carreira, de Benguela)

dos desafortunados, e como que equilibrar o vicio irremediavel com a pratica da virtude consoladôra da desgraça; tornar em beneficio dos pobres o vicio mais peculiar dos ricos, ao mesmo tempo que o façamos inaccessivel aos que não têem recursos para taes caprichos; afigura-se muito mais uma obra meritoria do que uma medida condemnavel.

E de mais, paiz onde — *uma Loteria nacional seja uma instituição permanente, ininterrupta, cobrando, especialmente do proletario, um tributo, que se paga voluntariamente, é verdade, mas que, no fundo, se cobra por effeito vicioso de uma seducção publica irresistivel de todas as horas, á luz do dia, que se pratica sem resguardo nem rebuço, nem acanhamento;* e que é, em meu modesto criterio, a origem do mal estar de innumeras familias, uma ruina lenta para algumas, e a causa principal da ausencia absoluta da pratica da — economia popular —, porque se oppõe visivelmente á pratica essencialmente utilitaria do deposito das mais pequeninas economias do povo em — *caixas economicas* —; paiz onde isto se dá, não póde condemnar o monopolio do jogo do azar.

Em Portugal a Loteria nacional é para o povo vicio peior que a *roléta*, porque constitue um habito, que ninguem condemna; e a propria infelicidade mais estimula o jogador da loteria, convencido de que a probabilidade do exito cresce para o numero infeliz que se escolheu, ou para o acaso de um qualquer, e cada vez mais, com repetidas entradas infelizes. E morre n'esta esperança! A existencia da Loteria nacional em Portugal é a razão verdadeira porque se não impõe a organisação n'este paiz da Caixa economica nacional, que em todos os paizes cultos é fonte segura de riqueza publica e particular. O Estado julga-se feliz com o proveito que tira das loterias; e o povo ignorante nem percebe, que lhe falta aquelle meio de prosperar, nem tem economias para depositar, tendo-as gasto na loteria. E' de pasmar, que o estadista portuguez descure, e por tal forma, essa maravilha economica de bôa administração e de Progresso, que desde 1787 existe na Suissa! Em meu modesto criterio a loteria é uma vergonha nacional, só egualada na falta de organisação effectiva de uma *Caixa economica portugueza pratica para a promptidão facil do deposito de insignificantes quantias, vulgarisada por todos os meios possiveis,* e portentosamente util para administrar a economia popular, como se pratica em todos os paizes de verdadeira civilisação.

Mas não é só isso: o nosso Portugal torna-se, por tolerancia governativa, o paiz do jogo desenfreado. O jogo do azar, prohibido por Lei, faz-se perante a auctoridade, frequentado por ambos os sexos de todas as idades, de dia e de noite, nos salões dos casinos publicos, dos gremios, dos cafés, e em asquerosas espeluncas tambem; por toda a parte! Os municipios já cobram receitas dos emprezarios. Obedecerá este estado de coisas aos elevados principios de moralidade politica e da austeridade governativa?

Perante o mundo civilisado, perante os estrangeiros que aqui veem, e perante a nossa propria dignidade, que figura fazemos, tolerando o desregramento e a incontinencia, e despresando o restricto utilitario correcto e severo, com argumentos de moralidade e de pundonor?

Quem vio Monte Carlo, quem vio o jogo em Spa e Ostende, e outr'ora em Baden Baden e n'outras estancias, é que sabe avaliar a differença que vae entre a pratica do jogo na Figueira, no Espinho, na Povoa de Varzim, em Cascaes e por todo esse Portugal, e a sua installação rigorosa e austeramente regulamentada n'aquelles logares estrangeiros.

A propria barateza do jogo portuguez é origem da verdadeira immoralidade. Todos têem um tostão para gastar, e poucos podem dispor de cinco francos para os perder n'um segundo. E se o adulto é senhor da sua vontade, o menor, com a liberdade portugueza, educa o espirito, cria o habito, perde a vergonha e o acanhamento, para adquirir o desembaraço, o gosto e a paixão do jogo: tudo em prejuizo de seus estudos, de habitos e de aspirações de trabalho.

Em Portugal as portas estão abertas para receber a todos nos salões do jogo, sem regulamentos previdentes e com paragens insignificantes.

Tenho, pois, a profunda convicção, de que será uma providencia de moralidade e de immensa utilidade, que terá, por certo, o applauso geral:

— *Obrigar-se o vicio incorrigivel e ineliminavel do jogo do azar a tornar-se em fonte de beneficios para os necessitados, para os que luctam sem exito pela vida, para os doentes, para os velhos, e para as viuvas e menores sem recursos.*

E monopolizal o com rigorosa regulamentação será a providencia moralizadora e utilitaria para tão humanitario fim, e o meio pratico de cohibir os verdadeiros prejuizos moraes do jogo do azar.

E será tambem um meio de obrigar, quem tem a loucura do desperdicio, a dar aos necessitados alguma cousa do que está disposto a entregar ao azar da fortuna. Quantos se vêem atirar ouro a rôdos para as mezas da tavolagem, e que passam indifferentes pela miseria, incapazes de sacrificar um ceitil para consolar um desgraçado!

Se agora meditarmos no alcance economico de um tal monopolio para attrahir a este bello torrão portuguez, e ao gozo do seu clima tão singularmente delicioso, sobretudo na estação invernal, essa multidão de apaixonados do jogo, que buscam successivamente em novas estancias o gozo d'esse vicio insaciavel, que não offende ninguem e só póde prejudicar quem o pratica; quando se pensa, que esse monopolio traz comsigo creações e transformações materiaes uteis, civilisadoras e artisticas, que farão vir atraz dos jogadores os simples *touristes*, essa multidão de gente feliz, que percorre o mundo em busca de novas sensações e do gozo da natureza; e nos lembramos de tanta beleza natural e pittoresca, dos valiosos monumentos e curiosidades archeologicas e artisticas, que possue o nosso Portugal para offerecer á sua curiosidade ou interesse erudito; se calcularmos as vantagens financeiras e economicas, que a affluencia e a circulação de gente abastada produzirá no paiz, e bem pezarmos o alcance de tudo isto para o bem estar e felicidade da população da Patria Portugueza; eu estarei em erro, mas enthusiasma me a visão pos resultados uteis e civilisadores, que devem provir da concessão meditada do monopolio do jogo do azar em Portugal: a sua utilidade será manifesta.

E' preciso ter viajado para fazer uma ideia do que podem ser essas praias do littoral portuguez, e essas tantas estancias de aguas medicinaes do paiz; e avaliar todo o partido que se póde tirar de todo este pittoresco lusitano, tão abandonado, e tão unico no alto da Foya da Serra de Monchique, tão singular no Bussaco, tão bello no Bom Jesus de Braga e na serra do Gerez, tão imponente nas serras da Louzã, do Marão e da Estrella; e para suppôr o que podem vir a ser essas cidades, villas e aldeias de uma belleza especial: Porto e as suas pontes e os seus encantadores arrabaldes; Coimbra e o seu Mondego; Vianna do Castello e o seu Monte de Santa Luzia; todo o rio Lima; todo esse caminho até Caminha; e o Douro e a Regoa e Mezão Frio; e Evora e Extremoz!

E não fallo de Cintra, o unico pittoresco portuguez, que os enthusiasmos de Byron tornaram afamada em todo o mundo.

Lisboa, esta tornar-se-ha uma phantasia pittoresca e artistica: os seus outeiros serão, por certo, ligados por viaductos, dando uma feição excepcional á cidade, que se estenderá por esse rio abaixo, cuja margem esquerda, ligada forçosamente á direita por uma ponte gigantesca, tornar-se ha no Tejo, para capital, o que Buda é para Pesth no Danubio.

E deixará Lisboa de ser a unica capital do mundo civilisado sem um parque publico, sem arborisação, sem um systema perfeito de esgotos, com bairros infectos e os cemiterios dentro e nas mais pittorescas situações da cidade; capital sem architectura, sem um palacio de justiça, e com os seus melhores monumentos, ou obstruidos por construcções vergonhosas, ou por acabar!

O movimento commercial tomaria proporções imprevistas; e o porto de Lisboa tornar-se hia então, o *caes* de embarque de passagem para New York e para toda a America. As industrias progrediriam forçosamente; e as que podem ter cunho especial e caracteristico portuguez, tanto pelo lado util como artistico, teriam largo consumo.

Tudo isto póde trazer o monopolio do jogo do azar; não porque tal concessão opere por si todas as transformações, que eu sônho; mas como natural consequencia de uma corrente incessante de viajantes, provocando a exploração util do paiz por fortes emprezas de grandes hoteis, de recreios civilisadores, de mil attractivos, de tudo, emfim, que constitue a vida moderna dos paizes avançados; a qual impõe logo a transformação dos serviços indolentes do Estado, e uma especialização profissional e artifice tal, que cada um seja perfeito no seu mister e não um curioso habil para todas as funcções e profissões, ficando imperfeito em todas ellas.

O ouro será a moeda corrente; e a actividade, estimulada pelo exito seguro, fará prodigios na cultura geral do paiz, na exploração das suas riquezas mineiras, e das industrias que possam ter caracter nacional. E ainda a lei geral de que — *uma causa produz muitos effeitos* — fará surprezas aos mais previstos.

*

Parcerá estranho, que eu pretenda querer derivar do monopolio do jogo de azar tantos prodigios de prosperidade nacional.

Não é, por certo, no monopolio de um vicio que eu assento a felicidade publica. E' do — bem estar geral — para o qual as receitas d'esse monopolio hão de fortemente contribuir; é das consequencias da circulação em Portugal de uma corrente continua de viajantes, que eu julgo dever derivar-se uma grande utilidade para a minha Patria.

Quem não viajou, repito, nem uma ligeira ideia póde fazer da prosperidade, dos confôrtos, dos encantos, das distracções de espirito, da dôce alegria do viver, que se gozam nas capitaes da civilisação, e nos simples logares pittorescos que vivem, se póde dizer, do viajante e para elle. Mas para realizar tudo isto, para chamar e attrahir o *touriste*, são precisos capitaes, que nós não temos, e emprehendedôres experimentados e de gosto, que nós ainda menos possuimos. Nas nossas melhores estancias de recreio, na deliciosa Cintra, ainda simplesmente os seus hoteis seriam de 3.ª ou 4.ª ordem em qualquer logar de muito menos nomeada da Europa Central. E ainda entre nós se não vê, póde dizer-se, um Casino que dê uma ideia do quanto é util, recreativo, agradavel e completo sob todos os aspectos, uma *Cursaal* de Ostende, de Scheveningen, de Boulogne, de Interlaken, de Baden Baden, e de todos os logares frequentados pelos viajantes de todo o mundo!

Sem offerecer, pois, ao extrangeiro aquillo a que está habituado, nunca virá a Portugal senão para fins commerciaes, e raros de estudo; porque *touriste* em busca do imprevisto, prefere arriscar-se em busca de gloria, ou vae a terras classificadas de *barbaras*, conhecer-lhes os costumes e correr a aventura; e se chega a terras de supposta civilisação, e a não encontra á altura dos seus gostos, foge e ridiculariza-as, espalhando o reclamo terrivel do ridiculo esmagador. E estabelecido o descredito, é terra perdida.

O monopolio do jogo do azar poderá tenho fé, realizar de prompto grandes attrativos e ser origem de successivas transformações uteis, que façam entrar Portugal na lista dos paizes, que o *touriste* de gosto e de alma artistica não possa deixar de visitar.

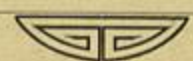
Basta o reclamo, a propaganda collossal, que se façam para o *jogo*, como se vê para *Spa* em todos os logares de Paris, para o *touriste* não faltar.

Basta que de tal monopolio se derive importante receita exclusivamente applicada aos fins humanitarios e patrioticos, e á utilidade geral da humanidade, que projecto, para que todas as hesitações, e os escrupulos mais meticulosos em pontos de dignidade official ou particular, devam desapparecer, e substituirem-se por um justificado enthusiasmo, porque transformará o vicio irremediavel em fonte de virtude pratica, e de beneficios efficazes para a felicidade humana.

E basta saber-se, que na Belgica, tão rica, tão prospera, e tão citada como modelo de administração publica, de civismo e de moralidade politica, como o é de costumes sãos e de actividade nacional, ainda recentemente se estabeleceu o monopolio do jogo do azar, para tranquillizar o espirito dos que suppõem, que o Estado portuguez ficaria mal visto pelas nações adiantadas, se tal fizesse. E não se esqueça, que o pequeno Estado de Monaco, que vive do monopolio do jogo, e que tem por soberano um benemerito de sciencia utilitaria para a humanidade, se não tem importancia politica, tem uma população, que é modêlo de bons costumes e de felicidade popular. E, emfim, o monopolio do jogo do azar existiu na douta Allemanha; e escandaloso e desenfreado só existe, que eu saiba, em Portugal.

Assentemos, pois, como segura fonte de importante receita para o nosso Instituto:

8.º — Para ser exclusivamente applicada aos fins humanitarios do Instituto do Trabalho cobrar-se-ha uma avultada quantia annual como contribuição do monopolio do jogo do azar, cuja concessão o Estado fará pela forma mais conveniente para os seus interesses e para a moralidade publica.

PEDRO ROMANO FOLQUE.
Coronel de engenharia

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XI

(Continuado do n.º 1036)

Este era o fundamento principal dos defensores da restauração do Colégio dos Nobres.

Caiu, então, como um raio, em cima dos proponentes o primoroso folheto de Alexandre Herculano, intitulado *«Da Escola Polytechnica e do Colegio dos Nobres.»*

O eminente historiador justifica, naquellas paginas sonoras e vibrantes, a razão por que vinha a campo rebater a *Analyse ao Projecto* de David Henriques.

Tendo este taxado de irreflectido o parecer da comissão, de que elle tinha feito parte, e não tendo nenhum dos comissionados defendido aquelle parecer da injusta apreciação que lhe era feita, julgou elle que era do seu dever, embora já não pertencesse a ella, responder as arguições de David Henriques.

Herculano, depois de ridicularizar a testamentaria esboça imperfeitamente a sua historia (logo diremos por quê) e pergunta a David Henriques como se explica o facto de, tendo sido a vontade do almirante que o noviciado, para cuja fundação deixava grossos cabedaes, tivesse a invocação de Nossa Senhora da Conceição e sendo o testamento datado de 1715, os jesuitas se achassem de posse delle em 1603 com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Os jesuitas, diz o mesmo folheto, não empregáram, ao que parece, os bens do almirante, por que se assim fosse teriam dado ao noviciado a invocação de Nossa Senhora da Conceição, a não ser que elles (é ainda Herculano que fala) arranjassem o negocio de forma que a casa de Monte-Olivete ficasse sendo, em relação aos bens legados pelo almirante, de Nossa Senhora da Conceição e em relação aos bens doados por Fernão Telles de Menezes, de Nossa Senhora da Assumpção. E Alexandre Herculano accrescenta ainda injustamente: *«mas aquelles santos varões parece que nunca «reconheceram Felipe de Anjou e talvez estribados «em alguma distinção teológica foram devorando os «rendimentos da testamentaria sem curarem do novo «noviciado de nuestra señora de la Conception que o «bom almirante tinha tanto a peito fosse edificado. «De duas uma, ou elles adjudicaram a testamentaria «ao noviciado de Nossa Senhora da Assumpção, ou «não o fizeram e conservaram a herança em seu po«der até á sua expulsão sem cumprirem a vontade do testador. Em todo o caso, faltaram!!»* (1)

*

David Henriques, na sua sua Analise, põe nas nuvens o marquês de Pombal, assim como José Manoel Botelho no projecto de lei. Em ambos são descabidos os elogios porque foi o marquês que num dos artigos da carta de doação ao Colégio dos Nobres deu origem a esta trapalhada das invocações de Nossa Senhora da Conceição e da Assumpção, artigo que nem um nem outro parece que leram.

Por outro lado Alexandre Herculano veio ainda complicar mais a questão da testamentaria, acusando os jesuitas de darem sumiço á grossa fazenda do almirante e estribando-se para essa acusação no facto do Padre Antonio Franco, autor de uma obra historica sobre o noviciado da Çotovia, guardar um silencio, significativo de grande pouca-vergonha, sobre o caso dos legados do almirante.

Ora o que Herculano não sabia e que a obra daquelle jesuita tinha um segundo tomo que ficou manuscrito e que a bibliotéca nacional guarda nas suas estantes e que é nesse volume que a historia da testamentaria vem largamente descrita e devidamente explicada.

Se o leitor quisér abra a paginas 100 o aludido volume e inteire-se miudamente das accidentadas fáses da testamentaria. — Eu vou resumir os factos para evitar digressões por atalhos perigosos que me afastariam em demasia da estrada real. (2)

*

D. João Thomás Henriques de Cabrera, almirante de Castella, duque de Medina do Rio Sêco, Conde de Módica na Sicilia, grande de Espanha de 1.ª classe, nascera em 21 de dezembro de 1647, em Genova, no castello do duque de Tharsis onde seu pae estava de passagem, vindo de Napoles onde era vice-rei.

Favorecido da sua elevada jerárquia, aos 27 annos já era general de cavalaria, embaixador extraordinario ao conclave dos cardeaes e muito mais coisas. Pouco depois foi nomeado governador de Milão e vice-rei da Catalunha e assim foi caminhando com prospera fortuna até que Felipe V subiu ao trono de Espanha. Então desandou a roda e, a breve trecho, o opulento espanhol viu-se cercado de algumas honrarias entre as quaes avultava a dignidade de estribeiro-mór da casa real. Estes e outros factos, de carácter meramente politico, grangearam no animo do almirante uma profunda aversão a Felipe de Anjou que o obrigou a pôr, incondicionalmente, a sua espada ao serviço Carlos 3.º durante a guerra chamada da sucessão.

Era D. Thomás Henriques de Cabrera possuidor de bens importantissimos em Castella e Portugal. A sua casa hombreava em lustre e pompa com as mais fidalgas casas de Espanha. Duas vezes casára, ambas na casa de Medina-Celi e ambas as consortes lhe falleceram sem deixar sucessôr a tão ilustre e opulenta prosápia. Chamava se a primeira mulher D. Anna Catarina de Lacerda e a segunda D. Anna Catarina de Lacerda e Aragão, já viuva de seu tio D. Pedro de Aragão que a fizera sua herdeira com a condição de que, se ella morresse sem filhos, todos os seus bens fossem aplicados a uma obra pia.

Esta fazenda, que o almirante herdou de sua segunda mulher, foi engrossar os bastos rendimentos de sua casa e augmentar ainda mais a pompa que o cercava.

A galeria de quadros, a coleção de joias, mobiliario e estado do almirante era coisa muito para ver e notar. Só a sua cozinha de campanha era o suficiente para se avaliar a sumptuosidade daquella casa. Ao cuidado de varios bichos de cozinha, adestrados a primôr, fabricava, n'um tempo minimo, oito pratos para duzentas pessoas que a tanto montava a sua comitiva em tempo de guerra. Os reis de Espanha muitas vezes se serviram della e foi mais de uma vez que á sombra da sua tenda de damásco e oiro descançou o monárca castelhano.

Vejamos como tão grande fazenda foi parar ás mãos dos regulares da companhia de Jesus.

(Continua.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Da Escola Politechnica e do Colégio dos Nóbres, por Alexandre Herculano.

(2) *Imagem da Virtude no noviciado de Lisboa*, pelo padre Antonio Franco — Mss. B-12-33 da Bibliotheca Nacional.

CRITICA THEATRAL

Mar de lagrimas

Nunca a nossa missão se torna tão agradavel, como quando, o juizo critico tem de incidir sobre uma peça portugueza, sobre um trabalho original, que deve enfileirar-se entre os que ultimamente teem surgido nos nosos palcos, para a conquista da emancipação do theatro portuguez, essa miragem seductora que estonteia ha tempos a esta parte os espiritos mais patrioticamente visionarios, essa utopia brilhante que ri para ahi, aos olhos de uma duzia de enthusiastas apaixonados, e que, mau grado nosso, deve continuar sorrindo apenas, emquanto os theatros nacionaes não se encontrarem habilitados a dispensar as traducções das peças estrangeiras.

Accentua-se, felizmente, no nosso publico uma corrente de incitamento favoravel á recepção das peças originaes, e poucos paizes ha, onde, como em Portugal, abundem em tão larga escala, os themas, os assumptos caracteristicamente nacionaes, de molde a proporcionar ensejo a um dramaturgo para a elaboração de uma peça de interesse vivo e palpitante, na sua idéa geral, nas linhas largas de concepção, para a exploração da qual temos — mais uma vez o affirmo — elementos de primeira ordem, recommendaveis, a um tempo pela belleza e novidade.

Jorge Santos e João Gouveia, dois rapazes de talento, animados pela aura de felicidade que ora bafeja os originaes portuguezes, acorrentando-os ao agrado publico, escreveram o drama *Mar de lagrimas*, apresentado ha dias no palco do theatro de D. Maria, e por esta sua tentativa, que demonstrou mais uma vez as suas excellentes faculdades de trabalho, merecem Jorge Santos e João Gouveia os sinceros elogios, de quantos prezam a litteratura portugueza.

Mar de lagrimas não é uma peça perfeita, não merece a qualificação de trabalho de primeira ordem: se movidos pela sympathia que professamos por João Gouveia, affirmassemos o contrario, faltariamos á verdade, e este sabe bem que, a verdade, nas criticas de theatro, soffre por ahi tantos golpes, que mais auctoridade tem o que se escreve, quando ella se entrelaça pelos paragraphos e pelos periodos, ligando-se intimamente ao espirito do jornalista, á sua opinião architectada, sem a influencia de affectos e paixões.

A peça *Mar de lagrimas* tem qualidades notaveis e tem defeitos; enfeita-se aqui e ali de bellezas, de scenas bem tratadas e conduzidas, e salpica-se acolá de êrros, de falhas de sciencia scenica, de algumas precipitações.

Quer observemos o primeiro acto, modelo perfeito da moderna escola naturalista, em que erguem alto vôo acima da vulgaridade banal das convencionaes peças francezas, as aproveitaveis faculdades de observação e analyse que scintillam nas almas dos seus auctores, quer nos demorêmos a rebuscar no segundo e terceiro acto os effeitos dramaticos, alguns dos quaes, á primeira vista, nos parecem untados de oleo que escorrega sobre as molas do romantismo theatral, mas cuja transcendencia de concepção é tão bella e tão cerrada, que nos occulta a primordial feição naturalista, serena e logica na exposição do pensamento dos auctores, seremos levados a reconhecer que palpita na peça *Mar de lagrimas*, o talento pautado, methodico, de grandes observadores, que produziram uma obra *razoavelmente* bôa, que nos emociona aqui e ali segundo os dictames de vontades sem a subordinação a condições scenicas e a preconceitos de ordem theatral.

Tem qualidades bôas a peça *Mar de lagrimas*, repetimos, e bastantes defeitos a caracterisam tambem. A umas e outros nos vamos referir.

O primeiro acto está bem lançado, e bem cuidados estão os personagens que n'elle se apresentam.

O segundo, incontestavelmente o mais brilhante da peça, tem situações explendidas, scenas traçadas com habilidade não vulgar, como a descripção d'um sonho angustioso, feito por Mariquinhas (Adelina Abranches) ao noviciado Manuel (Luiz Pinto).

O terceiro acto desagradou-nos por completo. O publico fatigou-se com a insistencia dos auctores na vibração da mesma nota episodica e com a demora na exposição do entrecho, por isso que aquella é algumas vezes forçada, e este apenas a mais de metade do acto inicia o seu desenvolvimento.

São, porém, tão espirituosas as situações dos actos anteriores, a que a entrada dos camponios Francisco e Antonio (Joaquim e Pinto Costa) imprime uma bella phase vivificante, é tão fina e correcta a urdidura geral do segundo acto, que esses pequenos defeitos de forma, no acto que apontei, passaram quasi despercebidos e o publico applaudiu com algum enthusiasmo.

Adelina Abranches possue, incontestavelmente, um grande talento de actriz moderna, todo o elevado sentimento artistico, que faz com que o seu trabalho no *Mar de lagrimas* seja, não apenas uma interpretação distincta, mas um trabalho notabilissimo que vae buscar origens a regiões, muito distanciadas do vulgar. O papel de Mariquinhas encontrou na gentil artista uma interprete conscienciosissima.

Na scena com o noviço Manuel, no 2.º acto, o jogo physionomico de Adelina, contando o sônho, foi devéras correctissimo, traduzindo fielmente todos os diversos sentimentos que actuam no coração da pobre Mariquinhas.

Anna Pereira, no papel de Antoninha, muitissimo bem. E' um encanto vêr representar esta adoravel velhinha.

Luiz Pinto sustentou os seus creditos de artista distincto, tendo scenas primorosamente feitas, sobretudo nos dois ultimos actos.

Agradou-nos muitissimo no papel de Pau Velho o consciencioso actor Ignacio, que fêz, do seu papel de pae de Mariquinhas, uma pittoresca creação artistica.

Eis, em duas palavras, despretenciosas, a impressão que recebêmos com a 4.ª representação do drama, intitulado *Mar de lagrimas*.

17-x-907

MARIO DE SANTA RITTA

O «RAID» HIPICO

Dos cavaleiros que tomaram parte no *raid* hipico que partio de Lisboa no dia 16 de setembro, ficou vencedor o tenente de engenharia sr. Luis Teixeira Beltrão que, no seu cavalo *Danubio*, fez em dezesete dias o percurso do *raid* de 1:360 kilometros, andando a média de 80 kilometros por dia, sendo o primeiro a chegar ao Mercado Geral de Gados, no Campo Grande, ponto marcado para a chegada, ás 4 horas e 22 minutos da tarde de 3 do corrente.

O "Raid" Hipico

TENENTE LUIS TEIXEIRA BELTRÃO NO SEU CAVALO «DANUBIO» VENCEDOR DA 1.ª SECÇÃO DO «RAID» HIPICO

TENENTE ANDRÉ REIS, QUE NO CONCURSO DE SALTOS, EM PALHAVÃ, GANHOU O PREMIO DE UM CAVALO «PUR SANG» OFERECIDO PELO SR. CONDE DE FONTALVA

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

Para se fazer ideia do valor desta prova hipica, basta recordar a asperesa do tempo em que foi realisada, a começar pela formidavel trovoada e tempestade que se desencadeou desde o dia 23 de setembro e que por muitos dias continuou, e saber qual o percurso do *raid* que teve por ponto de partida Lisboa e foi percorrendo as seguintes *etapes:* Torres, Caldas da Rainha, Leiria, Figueira, Coimbra, Aveiro, Porto, Penafiel, Villa Real, Lamego, Viseu, Guarda, Covilhã, Castello Branco, Portalegre, Elvas, Estremoz, Villa Viçosa, Evora, Vendas Novas, Coruche, Chamusca, Abrantes, Gollegã, Santarem e Castanheira até voltar a Lisboa.

O sr. tenente Beltrão, nos ultimos 150 kilometros de percurso, desde Abrantes até Lisboa, não dormio nem comeu tanto elle como o cavalo e apenas parou nas *etapes* da Gollegã, Santarem e Castanheira, o tempo indispensavel para cumprir as formalidades das *etapes*.

Com 8 minutos de diferença chegaram ao ponto os srs. alferes Calado e tenente Silva Reis. Duas horas mais tarde chegaram os srs. tenente André Reis e alferes Peixoto da Silva e Jara de Carvalho. Os srs. tenente Silva Reis e alferes Callado, não se desmontaram durante as ultimas 28 horas, tendo comido apenas pão.

No dia seguinte houve um concurso de saltos, nos terrenos do sr. Conde de Fontalva, em Palhavã, para os concorrentes do *raid* hipico, e em que foi disputado o premio de um cavalo de *pur sang* irlandês oferecido pelo ilustre titular, entusiastico promotor do desenvolvimento hipico em Portugal.

Concorreram a mais esta prova os srs. alferes Calado, Peixoto da Silva e tenente André Reis.

O sr. alferes Calado, nos saltos, perdeu 4 pontos. Seguiu-se o sr. tenente André Reis, que no seu cavalo *Nero*, de raça peninsular, saltou todos os obstaculos sem perda de um só ponto. O sr. Peixoto da Silva, depois de perder dois pontos, o cavalo negou-se a saltar um obstaculo.

Com este findou o concurso, ganhando o premio o sr. tenente André Reis.